

Ser ou estar professor? A construção da ética no contexto escolar

Edina Furlan Rampineli¹

“Precisamos pôr na ética nossas mãos e nosso coração (...) uma ética que, tecendo-se nos confrontos e se desenhando a partir da diversidade de vida comum não abdica nunca de si mesma (...) trata-se pois de uma nova forma didática política (...) uma ética que concretiza, assim sua ligação visceral com a educação” (Kramer, 1993).

Resumo: Este trabalho visa refletir sobre as dificuldades que os profissionais da educação enfrentam no relacionamento diário com os educandos, com os próprios colegas de trabalho e com o corpo administrativo da escola. Centraremos nosso investimento discursivo em alguns aspectos que consideramos fundamentais para o aprimoramento das relações humanas e das práticas pedagógicas, a saber, a ética aplicada ao contexto escolar, sobretudo ao corpo docente.

Palavras-chave: Ética, relacionamento profissional, contexto escolar.

Abstract: This article intends to think about the difficulties that educational professionals to face in the daily relationship with administrative school directors. We consider fundamental to improve the human relations and educative acts, to know, the ethics applied to school over all the teacher's relations.

Key-words: Ethics, teacher's relation, school context.

Diariamente, deparamo-nos com educadores angustiados diante de certos conflitos. Os mais comprometidos não esmorecem e buscam alternativas para melhorarem a qualidade de suas relações. Tarefa pouco fácil, pois não há receitas prontas. Com as constantes mudanças que ocorrem na sociedade, mudam-se também os comportamentos, exigindo assim, a quebra de alguns paradigmas e a busca de novas posturas.

¹ Diretora da Escola Barriga Verde de Orleans SC. Especialista em Fundamentos da Educação. Mestranda em Educação e Cultura pela Universidade do Estado de Santa Catarina — UDESC em convênio com a Fundação Educacional Barriga Verde — FEBAVE — Orleans SC.

Neste artigo refletiremos sobre as atitudes dos educadores neste novo tempo, especialmente a ética, tão importante para o aprimoramento das relações.

Consideramos importante delinear possíveis respostas para alguns anseios e inquietações, dentre eles: Como pensar a questão da ética no âmbito pedagógico? Mas afinal, o que é ética? Ela é importante na profissão de educar? Como deve ser a postura do professor frente à sociedade, frente à escola, frente aos seus colegas, frente aos alunos? Como deve relacionar-se consigo mesmo? Que educador necessitamos no início deste novo milênio?

Nos *Parâmetros Curriculares Nacionais*, publicado em 1997, a ética além de ser considerada um dos temas mais trabalhados pelo pensamento filosófico contemporâneo, é também um tema presente no cotidiano de cada um, fazendo parte do vocabulário conhecido por quase todos. Leia-se:

“A reflexão ética traz à luz a discussão sobre a liberdade de escolha. A ética interroga sobre a legitimidade de práticas e valores consagrados pela tradição e pelo costume. Abrange tanto a crítica das relações entre os grupos, dos grupos nas instituições e perante elas, quanto a dimensão das ações pessoais” (p. 29-30)

Vivemos, pois, numa época que muito se fala em ética. Ética na política, ética na religião, ética no esporte, ética nas mais diferentes profissões, muitas delas já com seu código de valores definido. E o professor já possui o seu código de ética? Sabemos que ainda não, mas não podemos esquecer de que a profissão de educar também exige posturas éticas bem definidas, pois os professores representam um “modelo” para seus educandos e para a sociedade em geral.

Desnecessário dizer que viver em sociedade implica em certas normas de convivência. Para tanto, se faz necessário a busca de pontos em comum. É justamente na busca desses pontos em comum capazes de nortear a existência e de serem assumidos por toda uma sociedade, que surge a ética. Segundo Vázquez,

“A ética é a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade. Ou seja, é ciência de uma forma específica de comportamento humano. A nossa definição sublinha, em primeiro lugar o caráter científico desta disciplina; isto é, corresponde à necessidade de uma abordagem científica dos problemas morais. De acordo com esta abordagem, a ética se ocupa de um objeto próprio: o setor da realidade humana que chamamos moral, constituído (...) por um tipo peculiar de fatos ou atos humanos. Como ciência, a ética parte de certo tipo de fatos visando descobrir-lhes os princípios gerais. (...) Enquanto conhecimento científico, a ética deve aspirar a racionalidade e objetividade mais completas e, ao mesmo tempo, deve proporcionar conhecimentos sistemáticos, metódicos e, no limite do possível, comprováveis” (Vasquez, 1997, p. 12-13).

Logo, toda ética deve visar o bem comum, no seu amplo sentido, conciliando os interesses individuais com os interesses sociais. Ela tem o intuito de privilegiar o bem comum e estabelecer princípios gerais. É orientadora, sendo que seu maior intuito é a defesa de um determinado princípio, ou benefício para todas as pessoas.

A ética propõe princípios para a práxis nos mais diferentes campos da ação humana. Se para cada atividade existem normas específicas, pode-se dizer que não há um único enquadramento ético geral. Não se fala mais da ética, mas sim de éticas, pois se vive num mundo complexo e em constante transformação. Ela é fundamental para se compreender as

relações estabelecidas na escola que, por serem sociais, envolvem a questão da distribuição do poder e do saber. Como escreve Sonia Kramer,

“Precisamos pôr na ética nossas mãos e nosso coração. Não uma ética supostamente tecida na solidão de um sujeito individual (...) nem, tampouco, uma ética definida na crueza de normas predeterminadas (...) mas uma ética que, tecendo-se nos confrontos e se desenhando a partir da diversidade de vida comum não abdica nunca de si mesma (...) trata-se pois de uma nova forma ética política (...) uma ética que concretiza, assim sua ligação visceral com a educação” (Kramer, 1993, p. 170-171).

A ética, pensada desde a perspectiva do professor, implica um compromisso com a justiça social, tendo em vista não a mera conservação de tradições e da ordem social; mas sim, a formação de novas gerações, herdeiras de um presente estruturado em um passado cultural que não pode ser esquecido. Isso nos sugere que o professor, como norteador do processo de ensino aprendizagem, serve de “modelo” e inspiração de procedimentos sócio-morais positivos. Sugere também que deve inspirar confiança, tanto para os alunos e para suas famílias como para a sociedade em geral.

A ética profissional do educador pode ser apreciada através das suas relações com a sociedade, com a escola, com o aluno, com os colegas, com o trabalho escolar que desenvolve e também consigo mesmo. Na relação com a sociedade cabe ao professor a responsabilidade de ajudar o educando a se tornar parte integrada e ativa do mundo social. Ele precisa estar consciente de que, hoje, num mundo transformado pela ciência e tecnologia, é difícil prever o que será da vida de seus alunos no futuro.

O comportamento social do professor exige uma característica de sobriedade, moderação e equilíbrio em todos os setores da vida, mantendo-se longe de vícios, tão divulgados em nossos dias, como o jogo, a bebida, as drogas e outras vicissitudes, pois seus passos, seus atos e ações, públicas e particulares têm repercussão social, que se refletem na confiança que a sociedade lhe deposita.

O professor é um representante da família e da sociedade na educação das gerações ainda em formação. É o representante da família por que os pais nem sequer possuem condições sócio- econômico culturais para oferecer esta educação em casa, outorgando assim poderes para que os professores continuem e ampliem a educação dada no lar. O professor não pode deste modo, desconhecer a família do aluno nos seus aspectos afetivo, social e cultural.

Cabe ao professor cuidar de sua apresentação pessoal, não necessariamente chegando ao requinte da última moda, mas também, não podendo e não devendo apresentar-se como um maltrapilho.

A postura do profissional da educação em sociedade implica atitudes que geram clima de confiança nas relações humanas e sociais. É preciso analisar-se constantemente de forma clara e consciente para verificar se não está sendo retrógrada ou comodista. Ao estimular mudanças, ele deve também analisar se não está traindo os princípios fundamentais da sociedade a que serve e se as idéias de renovação não repudiam uma linha lógica de evolução desta mesma sociedade.

A escola é uma instituição contextualizada, isto é, sua realidade, seus valores, sua configuração variam segundo as condições histórico-sociais que a envolvem. Há toda uma confluência de fatores que condicionam seu perfil e suas manifestações. O professor em relação à escola é, ao mesmo tempo, condicionante e condicionado

Seu modo de agir e de ser recebe influência do ambiente escolar e vice-versa. Ele tem obrigações morais para com a escola que milita. A colaboração entre a direção e seu quadro de professores é fundamental para o sucesso da instituição escolar. Os esforços de ambos devem convergir para o mesmo objetivo, que é a educação e o crescimento do aluno.

Para que haja um bom entendimento entre os professores e seus colegas, faz-se necessário uma ação unificada entre os mesmos. Existem normas de comportamento cuja observação ajuda os educadores a se relacionarem com seus colegas para haver maior entendimento entre eles e melhor interação e integração com os alunos.

É importante que cada educador no supervalorize a sua disciplina menosprezando as outras. Esta é uma atitude que a ser combatida, pois todas as disciplinas contribuem para alcançar os objetivos da escola. É abominável professores ridicularizarem ou fazer referencia a colegas de trabalho em sala de aula. As críticas negativas feitas junto aos alunos favorecem um ambiente de fofoca e mexericos, podendo os alunos se aproveitarem da situação e jogarem um professor contra o outro. Nesse sentido Moretto escreve que o professor deve “... *estar sempre disposto a ressaltar os méritos de seus colegas, suas iniciativas, sua competência e sua dedicação ao ensino, o que muito favorecerá a tarefa educativa dos colegas*” (1995, p. 8).

Sempre que tiver oportunidade, compete ao professor referir-se a outras disciplinas de maneira global, valorizando assim todas as disciplinas e os seus respectivos professores. Ele precisa estar atento para evitar que os alunos façam complôs contra colegas de trabalho ou provocar reações negativas contra as decisões destes. As determinações combinadas em reuniões, as conversas sigilosas e as trocas de informações que obtiverem com a direção dizem respeito somente aos docentes. A ética no permite comentários desnecessários com o corpo discente.

Assuntos pendentes resolvem-se diretamente com a direção de modo franco sem a intromissão de educandos. É recomendado não comentar fora da escola os problemas relacionados com a direção ou com o estabelecimento de forma depreciativa. Estes comentários favorecem o desenvolvimento de um clima de desconfiança e descrédito para a escola.

Para haver ambiente favorável aos educadores, se faz necessário o cumprimento das normas estabelecidas pela escola, valorizando a profissão e incentivando o intercambio entre todo o corpo diretivo, docente e demais funcionários da escola.

É fundamental para a educação o bom relacionamento entre professor e aluno. O estabelecimento de laços de simpatia e amizade entre ambos são também fundamentais para que sejam alcançados os objetivos propostos. São muitos os aspectos do comportamento do professor com relação ao aluno, e capazes de influir em suas relações, que fica difícil discriminar todos. Citarei alguns apontados por Moretto que exigem, por parte do professor, ponderação quanto a sua conduta:

- a) Cultivar atitude de justiça e trato igualitário para com seus alunos.
- b) Abster-se de assumir atitudes racistas, quer em relação á cor, ou nacionalidade.
- c) Ao chamar a atenção do aluno, fazê-lo franca e lealmente, não invocando nunca razões de defeitos físicos, deficiências de inteligência, raça ou nacionalidade. A admoestação deve dizer respeito ao que dependa da própria ação do aluno.

- d) Não revelar, em classe, aspectos da vida particular da família do aluno.
- e) Não comentar as provas dos alunos em público. Não é ético também, ridicularizar alunos em face de seus erros.
- f) Evitar expressões e modismos lingüísticos vulgares.
- g) Abster-se de assumir posição político-partidária.
- h) Cumprir sempre o que prometeu a seus alunos.
- i) Evitar que sempre prevaleça a sua opinião.
- j) Esforçar-se para tomar-se amigo de seus alunos (1995, p. 4-8).

A relação do professor com a sociedade, com a escola, com os alunos e com os colegas, depende fundamentalmente da maneira como este professor se auto-define. Os problemas de conduta que implicam as relações do professor consigo mesmo, no são relações unicamente subjetivas porque, de acordo com elas, os resultados objetivos podem aparecer negativa ou positivamente.

Para haver ambiente favorável aos educadores, se faz necessário o cumprimento das normas estabelecidas pela escola, valorizando a profissão e incentivando o intercambio entre todo o corpo diretivo, docente e demais funcionários da escola.

É fundamental para a educação o bom relacionamento entre professor e aluno. O estabelecimento de laços de simpatia e amizade entre ambos são também fundamentais para que sejam alcançados os objetivos propostos. São muitos os aspectos do comportamento do professor com relação ao aluno, e capazes de influir em suas relações, que fica difícil discriminar todos. Citarei alguns apontados por Moretto que exigem, por parte do professor, ponderação quanto a sua conduta:

- a) Cultivar atitude de justiça e trato igualitário para com seus alunos.
- b) Abster-se de assumir atitudes racistas, quer em relação á cor, ou nacionalidade.
- c) Ao chamar a atenção do aluno, fazê-lo franca e lealmente, não invocando nunca razões de defeitos físicos, deficiências de inteligência, raça ou nacionalidade. A admoestação deve dizer respeito ao que dependa da própria ação do aluno.
- d) Não revelar, em classe, aspectos da vida particular da família do aluno.
- e) Não comentar as provas dos alunos em público. Não é ético também, ridicularizar alunos em face de seus erros.
- f) Evitar expressões e modismos lingüísticos vulgares.

- g) Abster-se de assumir posição político-partidária.
- h) Cumprir sempre o que prometeu a seus alunos.
- i) Evitar que sempre prevaleça a sua opinião.
- j) Esforçar-se para tomar-se amigo de seus alunos (1995, p. 4-8).

A relação do professor com a sociedade, com a escola, com os alunos e com os colegas, depende fundamentalmente da maneira como este professor se auto-define. Os problemas de conduta que implicam as relações do professor consigo mesmo, no são relações unicamente subjetivas porque, de acordo com elas, os resultados objetivos podem aparecer negativa ou positivamente.

Acreditar na educação é não fazer de sua atividade profissional, mera forma de ganhar a vida. É necessário também que o professor acredite na disciplina que leciona. Atitudes desta natureza propiciam ao educando perceber que o mestre possui a convicção necessária para educar. É grande a responsabilidade do educador como agente influenciador de mentalidade em formação. É de sua obrigação elaborar o plano de curso de sua disciplina, selecionar conteúdos significativos, programar técnicas para que este conteúdo seja assimilado de forma agradável, não esquecendo de que o bom plano de aula favorece significativamente a aprendizagem e é sinal de respeito para com o aluno.

Outro aspecto importante na relação do professor consigo mesmo é a sua atualização permanente, buscando sempre inovações para melhorar o seu desempenho profissional. Ser autodidata é uma virtude que todos os educadores devem prezar. O aperfeiçoamento tem de ser entendido em sentido amplo, procurando atualizar não só os conhecimentos sobre a matéria que leciona, mas também os conhecimentos sobre sua disciplina e inteirar-se dos progressos da didática e da sociedade de maneira geral. O professor consciente desenvolve seu espírito de autocrítica e avalia constantemente sua postura e sua própria conduta. É importante, freqüentemente, examinar as situações conflitivas em que se esteve envolvido, certificando-se assim se sua ação foi positiva ou negativa.

Na 2ª Jornada Catarinense de Tecnologia Educacional, promovida pelo Senac no ano de 2000, em Florianópolis/SC, Morreto afirma:

“A ação do educador deve pautar-se na ética profissional vista como o compromisso de o homem respeitar os seus semelhantes, no trato da profissão que exerce. Este é o foco da ética profissional: o respeito. O corolário deste valor é um conjunto de valores, como a competência do profissional, a constante atualização no domínio dos conteúdos, a honestidade de propósitos na educação, a avaliação eficiente e eficaz dos alunos. Assim, podemos afirmar que educar é, por essência, uma atividade ética, tendo em vista as conseqüências para a vida dos educandos.”

A maturidade também é uma qualidade essencial dos verdadeiros educadores. Sendo eles social, intelectual e emocionalmente maduros, serão com certeza os grandes transformadores da sociedade, os agentes equilibrados que enfrentarão com sabedoria todos os desafios inerentes a sua profissão. A educação precisa de mestres

competentes, equilibrados, destemidos, ousados, críticos, éticos, capazes de lutar por uma sociedade mais igualitária e solitária.

O professor tem compromisso com o estado social atual, tem compromisso também com a evolução, com a modificação, com o progresso social.

Em suma, o novo milênio exige um profissional que direcione o seu olhar para o futuro. Exercitando a imaginação e a fantasia de seus alunos na tentativa de solucionar problemas ou situações que os novos tempos trazem. É importante que ele seja provocador e desafiador, contribuindo para a formação de cidadãos críticos e autônomos. Ele tem como compromisso: cultivar no aluno o espírito inquiridor, ensiná-lo a expressar adequadamente as suas idéias, a aprender com os erros e a enfrentar obstáculos, levá-lo a acreditar em si e a descobrir seus talentos e potencialidades, despertando o desejo pelo saber.

O professor com visão de futuro amplia o seu campo de ação educacional, o que proporciona ao aluno descobrir o funcionamento e o significado do que lhe é proposto, sabendo o porquê do ensinar e o porquê do aprender. O professor necessário nessa nova realidade é aquele que atende as necessidades impostas pela sociedade contemporânea e que não tem medo de usar o saber e ousar com este saber. Ele transporta a realidade para a educação inventando uma nova forma de ensinar. Este professor, afirma Biz,

“... não pode ser movido somente pela inteligência, mas também pela emoção. Sem ela, como desempenhar com alegria, uma tarefa desgastante, muitas vezes, pouco compreendida pelos pais, autoridades e alunos entediados? Sua missão não é de facilitador, mas de animador. Viver como um intelectual transformador (2000, p. 8)”.

Cumpra aos educadores se questionarem constantemente sobre o tipo de sociedade para qual devem preparar os educandos, que serão responsáveis pelo rumo do país no alvorecer de um novo século. Dentro do contexto educacional, o papel dos professores é talvez o mais significativo da realidade global, capaz de interferir na modificação do ser humano a desenvolver-se como ser integral, nas suas potencialidades cognitivas, afetivas, psicomotoras e sociais, criando condições favoráveis para o aluno conhecer e compreender o mundo em que vive e, assim, poder construir-se dando oportunidade ao educando de delinear seu papel como ser pensante, consciente, criador, livre e participante — transformador da sua realidade.

Acompanhando sua trajetória, percebemos que a figura do educador passou por uma metamorfose, e continua se transformando. O novo milênio exige que os professores tenham competência, sejam humanos e que exerçam o seu papel com ética. A formação do indivíduo se dá através da interação do educando com a presença viva do professor. No com autoritarismo, mas com coerência, com bom senso, sendo exigente sim, na busca da verdade. A verdade se constrói no diálogo, e com postura de humildade.

Sabemos que estas questões não se esgotam aqui, nem temos a pretensão de responder a todas com precisão. Esperamos que estas reflexões sirvam como tentativa de apontar caminhos e, talvez, despertar o interesse de outros pelo assunto, quem sabe assim, novas propostas surgirão trazendo contribuições para a relação entre a ética, o perfil do professor e a prática pedagógica.

Referências Bibliográficas:

ALVES, Rubens. *Conversas Com Quem Gosta de Ensinar*. São Paulo: Cortez, 1993.

CUNHA, Maria Izabel. *O Bom Professor e sua Prática*. 4ª ed. São Paulo: Papirus, 1994.

DOUZI, Johannes Hubertus. *O Professor no Brasil Hoje: Entre a Conduta Ética e a Cultura da Razão Cínica*. Revista da Educação – AEC, Brasília, n. 84, p. 32-38, out. dez. 1992.

GUDSDORF, Georges. *Professores Para Quê? Para uma Pedagogia*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

KRAMER, Sonia. *Por Entre as Pedras: Arma e Sonho*. São Paulo: Ática, 1993.

MENEGOLA, Maximiliano. *E Agora Professor?* Porto Alegre: Mundo Jovem, 1987.

MORETO, Vasco Pedro. *Ética Profissional*. *Mimeo*. (Palestra proferida no curso Avaliação e Melhoria da Qualidade de Ensino. Junho de 1995 em São Ludgero).

_____. 2ª Jornada Catarinense de Tecnologia Educacional. *Tecnologia, Ética e Valores Humanos* SINEPE/SC, nº 85, Florianópolis, setembro de 2000.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: *Apresentação dos Temas Transversais, Ética*. Secretaria da Educação e do Desporto, Brasília, 1997, vol. 8.

RAMPINELI, Edina Furlan; / PIZZOLATTI, Osmarina Volpato; *Professores: Agentes de Transformação*. Orleans, 1996.42 p.

VANCONCELLOS, Celso dos S. *Para Onde Vai o Professor*. São Paulo: Libertad, 1995.

VAZQUEZ, Adolfo Sanches. *Ética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.